



**DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

LAUDENÍVIA LUANA VICENTE FERREIRA

**UM OLHAR SOBRE MACABÉA EM
*A HORA DA ESTRELA***

**GUARABIRA – PB
2014**

LAUDENÍVIA LUANA VICENTE FERREIRA

**UM OLHAR SOBRE MACABÉA EM
*A HORA DA ESTRELA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva.

GUARABIRA – PB
2014

F383o Ferreira, Laudenívia Luana Vicente
Um olhar sobre Macabéa em A Hora da Estrela [manuscrito] :
/ Laudénivia Luana Vicente Ferreira. - 2014.
16 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Rosângela Neres Araújo da Silva, Departamento
de Letras".

1. Literatura Brasileira. 2. Personagem. 3. Análise Literária.
I. Título.

21. ed. CDD 869.3

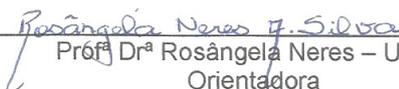
LAUDENÍVIA LUANA VICENTE FERREIRA

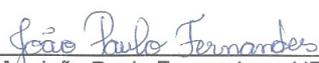
**UM OLHAR SOBRE MACABÉA EM
A HORA DA ESTRELA**

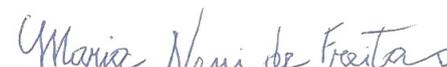
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Aprovado em 05 de dezembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres – UEPB
Orientadora


Prof. M^s. João Paulo Fernandes – UFPB
Examinador


Prof.^a Dr.^a Maria Neni de Freitas – UEPB
Examinadora

UM OLHAR SOBRE MACABÉA EM *A HORA DA ESTRELA*

FERREIRA, Laudenívia Luana Vicente¹

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo direcionar um olhar sobre a caracterização da personagem Macabéa, em “A Hora da Estrela”, obra de Clarice Lispector. Essa personagem é uma migrante nordestina, que representa, através de sua história, diversas condições, questionamentos e sentimentos universais. Nossa fundamentação teórica aporta-se nos conceitos sobre a personagem na ficção de autores como Rodrigues (2013), Albuquerque Jr (2003), Ducrot e Todorov (1972), e Brait (2006). Observamos que a interação entre o narrador masculino, Rodrigo S. M., e a voz da personagem Macabéa se inter cruzam, a fim de mostrar ora comoção, ora uma reflexão intensa sobre a vida, seus percalços e os anseios humanos.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Personagem. A Hora da Estrela.

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que a luta dos brasileiros nordestinos por melhores condições de vida e trabalho ocorre desde as décadas passadas. Questões como a seca, a fome, as humilhações e desigualdades sempre existiram e, possivelmente, (e infelizmente) nunca irão acabar, pois vivemos em uma sociedade de aparência, que exclui, julga, humilha e massacra aqueles que estão à margem da sociedade.

Refletindo sobre essa condição desfavorável, Clarice Lispector aborda, em “A Hora da Estrela”, o perfil de uma personagem que supostamente concentra as mazelas que representam tal condição, mas que é auto-reflexiva e complexa. Há fortes questões sociais envolvidas no enredo e na caracterização de Macabéa.

¹ Formanda em Letras, pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, sob a orientação da Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva. E-mail: laudenivaluanna@hotmail.com

Desse modo, esta pesquisa tem a finalidade de delimitar um olhar para a personagem Macabéa, mostrando seu percurso e crescimento, desde a saída do nordeste até a chegada no Rio de Janeiro. Observamos a desigualdade de espaços enfrentados por Macabéa, o sexismo e as questões sociais, os estereótipos referidos à cultura nordestina e a surpresa e curiosidade de Rodrigo S. M. sobre uma personagem aparentemente muito simples, porém repleta de multissignificações.

2 CLARICE LISPECTOR E SUA OBRA “A HORA DA ESTRELA”

“Limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela.” (LISPECTOR, 1998, p.15).

Ler uma obra de Clarice Lispector é um exercício ao mesmo tempo bastante prazeroso e complexo. Em sua escrita, tudo o que é pequeno, apagado, supostamente sem importância, pode ser apresentado como algo intenso, rompendo com as técnicas habituais de narrar.

Sua produção sempre chamou a atenção da crítica literária, porém era questionada por alguns críticos por não retratar temas da realidade brasileira, abordava apenas assuntos voltados para a experiência interior e particular do ser humano, geralmente predominando a figura feminina.

Pouco antes de falecer, Clarice publicou seu penúltimo romance e último livro, “A Hora da Estrela”, em 1977. Nessa produção, ela rebate as críticas sobre a ausência da abordagem de questões sociais, em sua literatura. Os críticos acabam o considerando como um dos mais representativos romances da autora. Na narrativa, Macabéa, uma jovem pobre, de 19 anos de idade, imigrante do sertão nordestino migra para o Rio de Janeiro, em busca de emprego; sobretudo, da felicidade que vê nas revistas.

Com esse romance, a escritora foge dos padrões tradicionais da literatura brasileira. Há uma inovação na linguagem, que aponta para a conversação reflexiva e questionadora, ao mesmo tempo que é distribuída em uma narrativa curta e densa, na qual o fluxo de consciência se mistura ao diálogo social exercido pela personagem (LÂNGARO et al, 2010).

O narrador-personagem, Rodrigo S. M., é muitas vezes referido como a própria autora. Há um jogo de identidade e duplicidade, percebemos isso na dedicatória do livro, lugar onde é apresentado ao leitor um autor masculino, seguido da informação: “Na verdade Clarice Lispector” (LISPECTOR, 1998, p.09). Segundo Gotlib (1983, p. 33), essa é uma referência de Clarice sobre o fazer literário e o olhar observador de quem conta uma história.

Macabéa é supostamente sem graça, sem atitude, uma mulher deslumbrada com um mundo que lhe é contraditório. No entanto, o narrador a persegue, quer ouvi-la falar, quer entender seus pensamentos. Ela é um choque entre a criação de uma imagem estereotipada e uma observadora-questionadora.

Ao longo da narrativa, Rodrigo S. M. faz muitas confissões (o que ocorre com frequência nas obras de Clarice): “Enquanto eu tiver perguntas e não houver respostas continuarei a escrever.” (LISPECTOR, 1998, p.11), “Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens.” (LISPECTOR, 1998, p.21).

Rodrigo entra com frieza na história contada, pois um outro narrador seria, porventura, motivo demais e não descreveria os fatos com segurança: “Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas.” (LISPECTOR, 1998, p.14). No entanto, o narrador é por si só contraditório: “E eis que fiquei receoso quando pus palavras sobre a nordestina.” (LISPECTOR, 1998, p. 18).

No aspecto social, é retratada na obra a migração dos nordestinos para a cidade grande. São apresentadas ao público duas realidades distintas: a do sertão nordestino e a sociedade competitiva. Na ficção, observamos os problemas de acomodação existencial e cultural dos nordestinos em busca de identidade, nos grandes centros urbanos, fato que ainda acontece hoje em dia (LÂNGARO et al, 2010, p. 7).

Em 2013, foram apresentados dados do IBGE que comprovavam que a maior parte de migrantes no Brasil, ainda saiam do Nordeste, e a Bahia era o estado que aparecia no topo da lista. Essas migrações eram atribuídas à seca que tomava conta de quase todos os municípios. Porém, o próprio IBGE, já previa que esses caminhos de migrações fossem cair nos anos seguintes, como afirmou o coordenador do IBGE da Bahia, Joilson Rodrigues (2013):

A medida em que as condições fossem melhorando, seja no sentido da infraestrutura, seja nas oportunidades de trabalho, seja também nas transferências direta de renda que, em alguma medida, permite que a família se mantenha unida, essa demanda por buscar essas condições fora do estado tende a diminuir.

A migração sempre foi um dado concreto, e ocorria sobretudo da necessidade financeira e sobrevivência. O contexto, por outro lado, não era acolhedor para esses migrantes. Macabéa representaria, assim, boa parte da caracterização dessas pessoas.

Além disso, os conflitos sexistas e estereotipados sobre a mulher nordestina, pobre e desamparada, que procura a felicidade, o casamento, o marido ideal, também estão presentes na narrativa. Olímpico, namorado de Macabéa, agrupa todas as questões machistas em torno da personagem: critica o que ela diz e faz, ridiculariza seus sonhos, se aproveita do dinheiro dela e a trai com a amiga Glória.

Donos do poder, ocupantes do espaço público, produtores da riqueza, chefes da família, responsáveis perante as leis, controladores da cultura, os homens não teriam deixado lugar para as mulheres na história. Consequentemente, toda a memória da sociedade, toda a história da sociedade seria dos homens. (ALBUQUERQUE JR., 2003, p.21).

3 O PERSONAGEM LITERÁRIO: SER FICCIONAL

Diante de um texto de ficção, encontramos na personagem os veículos necessários para a discussão de diversos temas, problemas, condições humanas. Mesmo considerando a personagem como uma categoria fictícia, conseguimos nos identificar com ela, nos emocionar com suas descobertas e nos entristecer com seus percalços.

(...) Esquece-se que o problema da personagem é antes de tudo linguístico, que não existe fora das palavras, que personagem é um ser de papel. Entretanto recusar toda relação entre personagem e pessoa seria absurdo: as personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção. (DUCROT; TODOROV, 1972, p.286).

Através das personagens, os autores reproduzem concepções sociais, socioculturais, físicas e intelectuais dos seres humanos. As personagens nascem de episódios da vida, da verossimilhança, como forma de representar a realidade.

Eles vivem, tenha certeza. Vivem na vida e, depois, vivem no meu papel. Mas falar no processo de criação de cada um deles é material de longa conversa. Claro que, se eu não os amasse, não teriam o que tem em termos de vida. (BRAIT, 2006, p.79)

Mesmo sem intencionalidade, os autores acabam se apaixonando, e se identificando com suas personagens. Muitos deles nem sabem explicar o processo de criação dessa categoria que se personifica em suas páginas.

Segundo Brait (2006, p. 30), por trás do termo personagem de ficção, existe uma tradição e muitas reflexões que foram estabelecidas e modificadas ao longo dos anos. Aristóteles foi um dos primeiros teóricos conhecidos a tocar neste assunto e seus estudos e concepção a respeito da personagem, serviram de certa forma como modelo até meados do século XVIII.

Para ele, a personagem é o reflexo da pessoa humana e sua vivência corresponde às regras particulares que conduzem o texto. Muitos teóricos foram influenciados pelo pensador grego; um deles foi o poeta latino Horácio, que ajudou a divulgar seus conceitos.

As concepções de personagem dos dois teóricos foram herdadas tanto na Idade Média como na Renascença. Mas a partir do final do século XVIII e praticamente todo século XIX, foram surgindo novas concepções que substituíram as de ambos. Dessa vez, os seres fictícios não eram mais vistos como imitadores dos seres humanos, mas como a projeção da maneira de ser do seu criador.

No século XX, outros teóricos surgem com novas concepções a respeito dos seres de ficção, eles fogem completamente das reproduções que vinham sendo difundidas desde Aristóteles e Horácio. A partir daí a personagem deixou de ser vista como feição do seu criador, para ser vista como produto do enredo e da estrutura especial da novela.

No ano de 1916, os formalistas russos fizeram um novo movimento; tinha-se uma nova concepção de personagem: ele era um ser de linguagem.

Esses novos estudos foram importantes para a literatura, e deram aos seres fictícios uma caracterização própria, desligando-se completamente das suas relações com os seres humanos.

Ao encarar a personagem como ser fictício, com forma própria de existir, os autores situam a personagem dentro da especificidade do texto, considerando a sua complexidade e o alcance os métodos utilizados para apreendê-la. (BRAIT, 2006, p.51).

Em “A Hora da Estrela”, encontramos Macabéa, uma personagem com corpo e voz, que pode personificar e falar por muitos humanos. É essa caracterização de que tratamos na próxima seção.

4 MACABÉA: UMA PERSONAGEM DE LINGUAGEM

Um dia, o narrador Rodrigo S. M., andando nas ruas do Rio de Janeiro, viu de repente uma moça no meio do povo que lhe chamou a atenção: “E preciso falar dessa nordestina senão sufoco.” (LISPECTOR, 1998, p.17). Ela tinha na face um sentimento de perdição, era uma figura miserável. A partir deste encontro, ele resolve contar a existência dessa jovem: “Eu não inventei essa moça. Ela forçou dentro de mim a sua existência.” (LISPECTOR, 1998, p. 29-30).

Macabéa ficou órfã ainda pequena, tendo que ir morar com uma tia amargurada pela obrigação de cuidar da sobrinha. Esta lhe dera uma educação que julgava que fosse adequada para uma mulher: “A menina não perguntava por que era sempre castigada, mas nem tudo se precisa saber e não saber fazia parte importante de sua vida” (LISPECTOR, 1998, p.28). Entretanto, toda a rigidez da tia deixou a pobre menina de cabeça baixa para os outros, ingênua, inocente, e obediente.

“Macabéa” é uma alusão aos *Macabeus*, personagens bíblicos, povo judaico que resistiu até o fim à invasão helênica, em prol de sua liberdade política e religiosa. A personagem é caracterizada como uma migrante nordestina, do estado de Alagoas, que se muda para o Rio de Janeiro com o sonho de ser uma estrela de cinema, o que origina o título do romance. O novo lar, no entanto, é uma contínua sucessão de menosprezos e decepções.

Na cidade grande sua única parente morre, e mais uma vez ela fica órfã, tendo que se arranjar com um mau salário que ganhava como datilógrafa. A moça se apresenta na narrativa como aquela que está fora da sociedade; sua vida é o espelho do fracasso e da solidão. Macabéa é mostrada como pobre, doente, feia, magricela, semianalfabeta, virgem, submissa; possuía cheiro e cor que não agradavam a ninguém.

Ela toda era um pouco encardida pois raramente se lavava [...] Uma colega de quarto não sabia como avisar-lhe que seu cheiro era morrinhento. E como não sabia, ficou por isso mesmo, pois tinha medo de ofendê-la. Nada nela era iridescente, embora a pele do rosto entre as manchas tivesse um leve brilho de opala. Mas não importava. Ninguém olhava para ela na rua, era café frio. (LISPECTOR, 1998, p.27).

Ela era invisível para a sociedade, sua presença não era percebida: “Para as pessoas outras ela não existia.” (LISPECTOR, 1998, p.63). Mas, ainda assim, ela acreditava que era feliz: “A datilógrafa vivia numa espécie de atordoado nimbo, entre céu e inferno. Nunca pensara em “eu sou eu”. Acho que julgava não ter direito, ela era um acaso.” (LISPECTOR, 1998, p.36).

Caracterizada como uma pessoa invisível, a obra clariceana também retrata uma certa liberdade em sublimar, em escapar das coisas do mundo. A retirante alagoana era carente de passado e futuro. Só agora ela tem quem a considere, o narrador Rodrigo S. M., que ao começar a narrar sua história, faz dela gente, coisa que ao seu redor ninguém faz, e em sua escrita compara a vida de Macabéa a de tantas outras mulheres que vivem oprimidas e solitárias: “Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa.” (LISPECTOR, 1998, p.14). São mulheres incógnitas, das quais ninguém se dá conta.

O narrador se aproxima com ternura da virgem alagoana e a ela consagra toda sua atenção. Está preso a ela, só ele a ama, só ele a vê: “Sim, estou apaixonado por Macabéa, a minha querida Maca, apaixonado pela sua feiura e anonimato total pois ela não é para ninguém” (LISPECTOR, 1998, p.68). No próprio decorrer de sua escrita, ele renunciou tudo o que um homem necessita para que suas palavras não fossem contaminadas das “coisas do

mundo”, e para falar dela teve que debruçar sobre ela um olhar demorado e admirado.

Agora não é confortável: para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa velha rasgada. Tudo isso para me pôr no nível da nordestina. (LISPECTOR, 1998, p.19).

Para falar dessa figura feminina dolorosamente representada, o narrador precisava estar com ela, da forma mais simples e necessária possível: “Ela falava, sim, mas era extremamente muda. Uma palavra dela eu às vezes consigo, mas ela me foge por entre os dedos.” (LISPECTOR, 1998, p.29). Rodrigo, mesmo reduzindo-se ao universo da personagem, não consegue captá-la por completo.

Esse narrador intrigado faz com que a história de Macabéa seja seguida pelo agitar de sons, músicas, ruídos: “pois estou como que ouvindo acordes de piano alegre – será este símbolo de que a vida da moça iria ter um futuro esplendoroso?” (LISPECTOR, 1998, p.37). Sobretudo, o narrador anseia por um final feliz para essa moça, como se ela fosse realmente merecedora do estrelato.

Nesse ínterim, observamos que Macabéa possuía uma observação interessante de seu mundo adverso. Dava-lhe prazer escutar o galo cantando de madrugada (isso fazia com que ela recordasse o sertão nordestino) e som de apito do navio cargueiro causava-lhe um profundo aperto no coração. Colecionava anúncios, que recortava de jornais velhos no escritório que trabalhava, e em casa colava-os em um álbum: “Havia um anúncio, o mais precioso, que mostrava em cores o pote aberto de um creme para pele de mulheres que simplesmente não eram ela.” (LISPECTOR, 1998, p.38).

Um dia, surpreendentemente ela ambicionou algo, o livro do patrão sobre a mesa, que tinha como título “Humilhados e Ofendidos”. Dessa vez, surpreendentemente ela pensou, e talvez desejasse se incluir naquela classe, mas logo chegou à conclusão que ninguém a ofendia, as coisas eram daquele jeito e não tinha como mudá-las.

Sua diversão estava em escutar a rádio relógio, com um aparelho que ela pegava emprestado com uma das colegas de quarto, e ir uma vez ao mês ao cinema, ela assistia aos filmes e sonhava em ser uma atriz famosa: “O que ela queria, como eu já disse, era parecer com Marylin.” (LISPECTOR, 1998, p.64).

Conhecimentos de cultura e literatura só chegavam a ela por meio desses elementos demasiados, por isso sempre ficara perdida com tantas informações. Ela não sabia o que as palavras significavam, tanto que se emocionou a primeira vez que ouviu uma música, sem saber o que as letras expressavam.

Mas também creio que chorava porque, através da música, advinha talvez que havia outros modos de sentir, havia existências mais delicadas e até com um certo luxo de alma. Muitas coisas sabia que não sabia entender. “Aristocracia” significaria por acaso uma graça concedida? Provavelmente. Se é assim, que assim seja. (LISPECTOR, 1998, p.51).

No decorrer da narrativa, Rodrigo nos conta sobre Olímpico, que conhece Macabéa e se torna seu namorado. Ele carrega em si estereótipos dos nordestinos, “cabra macho”, “homem de força”. Era esperto, dominador, se achava demais, porque havia matado um homem na Paraíba (sua terra natal), tinha ambição, sonhava em ser deputado, ambicionava a política como poder, para ele o que interessava era o dinheiro. Olímpico se sente privilegiado diante de sua nova namorada, pois seu nome lembrava competições olímpicas, lugar dos vitoriosos. Enquanto o de Macabéa soava mais como o nome de uma doença, e ela explica que ganhou este nome em função de uma promessa, pois quando nascera, era fraquinha e caso sobrevivesse ganharia um nome que ninguém tivesse igual. “– Eu também acho esquisito mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingasse.” (LISPECTOR, 1998, p.43).

A origem de seu nome mostra a relação com a luta pela vida. Tem a ver com libertação pela não desistência e trabalho árduo. Porém, essa diferença não é suficiente para manter o amor. Depois de conhecer sua amiga Glória, Olímpico a troca por ela, porque via no corpo da amiga os quadris largos e

achava que seria boa parideira, diferente de Macabéa: “– Você Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer.” (LISPECTOR, 1998, p.60).

Interessante perceber que a “perfeição” que gira ao redor da nordestina, em relação às outras pessoas, é, na verdade, inexistente: “E tudo devia ser porque Glória era gorda.” (LISPECTOR, 1998, p.61). Depois do término do namoro, ela se abala ainda mais, e sente um pouco de anseio de mudança, porém:

– Que ela era incompetente. Incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Só vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que tinha de si em si mesma. Se fosse criatura que se exprimisse diria: O mundo é fora de mim. (LISPECTOR, 1998, p.24).

Glória, com remorso por roubar o namorado da amiga, convida Macabéa para ir a sua casa. Ela come tanto que, no dia seguinte passa mal. Decide então procurar um médico barato indicado pela colega. Ele constata que ela está com começo de tuberculose pulmonar, mas ela, que não sabia os sentidos das palavras, achou que ele estava lhe dando um conselho ou um elogio: “Ela não sabia se isso era coisa boa ou ruim. Bem, como era uma pessoa muito educada, disse: - Muito obrigada, sim?” (LISPECTOR, 1998, p.68).

Novamente Macabéa resolve escutar sugestões da amiga, que pede que ela procure uma cartomante que pudesse dizer a respeito de seu futuro. Mesmo com pouca coragem ela resolve procurar a adivinha, e aceita o dinheiro emprestado que Glória havia lhe oferecido. Novamente, inventa uma dor de dente, pede autorização para o chefe e vai à busca da cartomante.

Ao entrar na casa da madama, Macabéa fica admirada com tanto luxo, e assusta-se por ser tratada com muito carinho por ela, recebe elogios como: benzinho, florzinha, enfeitadinha. Ao começar a virar às cartas, a madama Carlota, fala da vida desgraçada que ela teve e do presente que também não é nada bom, só agora com as palavras da senhora, é que ela percebe o quanto vivia fora de si: “Macabéa empalideceu; nunca lhe ocorrera que sua vida fora tão ruim.” (LISPECTOR, 1998, p.76).

Ao começar a pôr as cartas, a madama mente sobre o destino da moça e a engana completamente. Macabéa fica deslumbrada para viver uma vida que

nunca teve, a pobre crê que terá um futuro brilhante e, ao menos neste momento, Macabéa teve esperanças na vida: “Macabéa nunca tinha tido coragem de ter esperança.” (LISPECTOR, 1998, p.76).

Ao sair da casa da cartomante, Macabéa sente-se especial e aliviada, sem saber que na verdade foi “enganada” pela charlatã:

[...] sentia em si uma esperança tão violenta como jamais sentira tamanho desespero. Se ela não era mais ela mesma, isso significava uma perda que valia por um ganho. Assim como havia sentença de morte, a cartomante lhe decretara sentença de vida. Tudo de repente era muito e muito e tão amplo que ela sentiu vontade de chorar. Mas não chorou: seus olhos faiscavam como o sol que morria. (LISPECTOR, 1998, p.79).

Ao descer da calçada para atravessar a rua, ela é derrubada por uma Mercedes Benz amarela, que vai embora e a deixa para trás; esta é a sua “hora de estrela”. No chão, ela acredita que o carro de luxo que a atropelou seria o começo das profecias feitas pela senhora.

Neste momento da narrativa, Rodrigo S. M., com seu amor e com sua preocupação, refletia se poderia dar uma verdadeira vida feliz à protagonista, já que durante toda a sua história, isso lhe foi roubado. Pensou em retroceder e fazer com que as coisas pudessem ser mesmo diferentes:

(Eu ainda poderia voltar atrás em retorno aos minutos passados e recomeçar com alegria no ponto em que Macabéa estava de pé na calçada – mas não depende de mim dizer que o homem alourado e estrangeiro a olhasse. É que fui longe demais e já não posso mais retroceder. Ainda bem que pelo menos não falei e nem falarei em morte e sim apenas um atropelamento.) (LISPECTOR, 1998, P.80).

Então, começa a chover e pessoas se aproximam da moça. É o momento em que percebem que sua glória findou. Há um violinista tocando perto da rua em que ela se encontra: “Apareceu, portanto, um homem magro de paletó puído tocando violino na esquina.” (LISPECTOR, 1998, p.82). A jovem ergueu um pouco seu corpo, e começou a abraçar a si mesma, como se de repente se desse conta da própria existência.

De imediato, ela fala algo que ninguém entende, mas isso para nós não é novidade: “- Quanto ao futuro.” (LISPECTOR, 1998, p.85). E depois dessas

palavras pronunciadas, ela morre: "Deitada, morta, era tão grande como um cavalo morto" (LISPECTOR, 1998, p.86).

E o fim se dá com silêncio e chuva caindo: "Silêncio. Se um dia vier à terra haverá silêncio grande. O silêncio é tal que nem o pensamento pensa." (LISPECTOR, 1998, p. 86).

Diante de tudo isto ao narrador não resta mais nada, apenas acender um cigarro e ir para casa. É neste momento que ele lembra que as pessoas também morrem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi observado no decorrer desta pesquisa, Clarice Lispector construiu uma personagem supostamente fraca e abnegada, conformada com o destino que a vida lhe ofereceu. Entretanto, Macabéa representa todas as contradições em relação às adversidades da vida, mostrando que reflete continuamente sobre as coisas e o que está a sua volta.

Macabéa é uma personagem de linguagem (BRAIT, 2006, p. 51), porque através dela existem diversas vozes narradas, questionando uma realidade que se encontra no interior da sociedade. O silêncio da personagem é eloquente, mostra-se e pergunta coisas, pede explicações.

Nossa pesquisa mostra que a história de Macabéa abre vários caminhos para interpretações e reflexões, pois esta não é a história de uma mulher que não tem o que dizer, ou de uma mulher alienada e submissa, ou de uma mulher sonhadora e ingênua. Através dela, observamos o mundo e dizemos dele, olhamos a sociedade e suas mazelas. Quando Macabéa sai de si mesma, nós olhamos para dentro de nós. E nos vemos enquanto essa sociedade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **Nordestino**: uma invenção do falo. Maceió: Edições Catavento, 2003.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 8. Ed. São Paulo: Ática, 2006.

DUCROT, Oswald; TODOROV, TZVETAN. **Enciclopédia das ciências da linguagem**. Paris: Seuil, 1972.

LÂNGARO, Cleiser Schenatto et al. A Hora da Estrela: o sentimento de perdição do retirante nordestino sob o olhar de Clarice Lispector. In: **Anais do II Seminário Nacional de Estudos da Linguagem**. Cascavel: UNIOESTE, 2010.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Rio de Janeiro. **Jornal Nacional**. Edição do dia 29/08/2013 20h56. Disponível em:
<<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/08/maior-parte-dos-migrantes-do-brasil-sai-do-nordeste-segundo-o-ibge>>. Acesso em: 29 out. 2014.